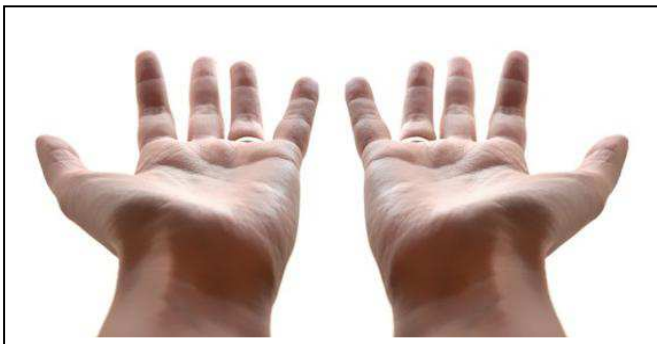


## MÃOS VAZIAS

---



"[16] *Três vezes por ano todos os seus homens se apresentarão ao Senhor, ao seu Deus, no local que ele escolher, por ocasião da festa dos pães sem fermento, da festa das semanas e da festa das cabanas. Nenhum deles deverá apresentar-se ao Senhor de mãos vazias:* [17] *cada um de vocês trará uma dádiva conforme as bênçãos recebidas do Senhor, do seu Deus.*" (Deuteronômio 16.16-17 – Nova Versão Internacional)

Certa vez, enquanto caminhava com os seus discípulos, o Senhor Jesus lhes disse: *“Estejam preparados, porque o Filho do homem virá numa hora em que vocês menos esperam”* (cf. Mateus 24.44). A advertência de Jesus aos seus seguidores possui caráter escatológico, porque carrega uma referência ao destino final do homem e do mundo. Todo ser humano, a despeito da sua curta passagem neste mundo, é um ser eterno. Há uma realidade existencial para todos nós além deste tempo – seja ela a vida eterna no Céu, ou a morte eterna no Inferno. Mesmo aqueles que rejeitam a ideia, tem essa verdade introjetada no coração. A Bíblia afirma em Eclesiastes 3.11 que Deus *“pôs no coração do homem o anseio pela eternidade”* (NVI), isto é, o desejo de que a nossa existência não chegue ao fim no momento em que fecharmos permanentemente os olhos.

De acordo com as Escrituras Sagradas, não há como fugirmos do fato de que cedo ou tarde *“todos nós devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba de acordo com as obras praticadas por meio do corpo, quer sejam boas quer sejam más”* (2 Coríntios 5.10). Mas a vontade de Deus é que toda pessoa que crer no Senhor Jesus tenha a vida eterna (cf. João 6.40). Foi para isso que Ele enviou o Seu Filho ao mundo, *“para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna”* (João 3.16b). Diante disso, se alguém nos perguntar se queremos viver eternamente com Deus no Céu, com certeza todos nós responderemos que sim. Mas por qual razão? Qual a nossa verdadeira motivação para buscar a vida eterna?

Podemos responder que a nossa motivação em buscar a vida eterna está no fato de que a morte eterna no Inferno é a alternativa e isso é doloroso. Ou porque na eternidade celestial não haverá tristeza e por isso almejamos ir para lá. Ou então porque nossos entes queridos falecidos foram para lá e queremos estar novamente com eles. Em todos estes alvos, por mais relevantes que sejam, uma coisa está faltando: o nosso amor a Deus. A eternidade não se mostrará boa para ninguém que não tenha Deus como o bem maior.

Por mais que *“os céus e a terra que agora existem estão reservados para o fogo, guardados para o dia do juízo e para a destruição dos ímpios”* (2Pedro 3.7) e que devemos temer *“aquele que*

*pode destruir no inferno tanto a alma como o corpo*” (Mateus 10.28b), a vontade de Deus não é nos submetamos a Ele movidos por uma estigiofobia crônica. A Bíblia não afirma que Deus enviou o Seu Filho ao mundo porque cansou de ser benevolente com Sua criação, ou porque se revoltou com os pecados dos homens, ou mesmo porque Sua paciência chegou ao fim. A Bíblia ensina que Deus enviou o Seu Filho Unigênito ao mundo *“porque Ele amou”* (João 3.16a). E **o verdadeiro amor não busca nada além de reciprocidade**. Quem ama deseja que o objeto do seu amor lhe seja favorável. O mais importante dos mandamentos não consiste em simplesmente **servir** a Deus de todo o coração e com todas as forças. Mas em **amar** a Deus de todo o coração, de toda a alma e de todas as forças (cf. Deuteronômio 6.5). **Quem ama serve. Mas nem todo servicial ama.**

O desejo de Deus sempre foi o de celebrar o Seu amor com a humanidade que criara, simplesmente porque Ele é amor (cf. 1João 4.8). A maioria de nós não atenta para o fato de que o “temível” livro do Apocalipse não termina com Satanás e seus demônios lançados no Inferno (cf. Apocalipse 20.10). Nem com o julgamento e destruição do mundo (cf. Apocalipse 21.1). O livro termina com o Senhor Jesus celebrando uma festa (cf. Apocalipse 19.7) e dizendo a todos: *“... ‘Vem!’ E todo aquele que ouvir diga: ‘Vem!’ Quem tiver sede, venha; e quem quiser, beba de graça da água da vida”* (Apocalipse 22.17).

Deus sempre quis que o Seu povo festejasse e se alegrasse em Sua presença (cf. Salmo 68.3). O texto bíblico citado inicialmente é belo exemplo dessa vontade divina. No Antigo Testamento os hebreus celebravam anualmente sete grandes festas. Todas elas criadas pelo próprio Deus. A passagem bíblica de nossa análise cita três dessas festas. Tratava-se de festas memoriais dos grandes feitos de Deus entre os israelitas, para que eles não se esquecessem das maravilhas e dos milagres que o Senhor Deus realizara pelo povo. Mas, acima de tudo, elas tinham um sentido simbólico-profético de como nós devemos nos apresentar diante dEle, enquanto aguardamos a vinda de Jesus. Observe:

*“Três vezes por ano todos os seus homens se apresentarão ao Senhor, ao seu Deus, no local que ele escolher...”* (v. 16). O texto inicialmente informa que os israelitas deveriam se apresentar perante Deus três vezes ao ano. Naquela época, contemplar a manifestação da presença de Deus só era possível em locais e momentos específicos, escolhidos pelo próprio Deus. Nos dias atuais, Deus escolheu habitar e manifestar a Sua presença em nós e através de nós. Por causa do sacrifício de Jesus na Cruz, hoje nós *“temos ousadia e acesso a Deus com confiança”* (cf. Efésios 3.12) em todo momento e em qualquer lugar. Não precisamos nos apresentar diante dEle apenas três vezes ao ano. Em vez disso, podemos nos apresentar a Deus três vezes ao dia – manhã, tarde e noite. Mas todo esse livre acesso deve ocorrer de acordo com os padrões de Deus e da forma que *“Ele escolher”* (v. 16).

O texto bíblico continua... Os israelitas deveriam celebrar *“a festa dos pães sem fermento, a festa das semanas e a festa das cabanas”* (v. 16). Qual o significado original dessas festas? O que elas representam em nossos dias? Vejamos:

1. A **feita dos pães sem fermento** – também chamada de **feita dos pães ázimos** – durava sete dias nos quais ninguém deveria comer pão fermentado, para que o povo de Israel não esquecesse como Deus o tirou do Egito. A libertação da escravidão do Egito aconteceu tão repentinamente e com tanta pressa, que não houve tempo para esperar a fermentação da massa do pão. Na Bíblia o Egito é usado como ilustração do mundo idólatra e pecaminoso (cf. Apocalipse 11.8). Do mesmo modo, nas Escrituras o fermento ilustra a maldade e a malícia (cf. 1Coríntios 5.8). Mesmo quando aplicado em pequena quantidade, pela sua influência, o fermento impregna e infecta totalmente a massa. De igual modo a corrupção intelectual e moral, tem forte tendência de infectar os outros. Deus quer festejar conosco. Mas para isso, devemos nos apresentar a Ele com coração íntegro, fiel, sem pecado. Tudo aquilo que possui o poder de se impregnar em nós e infectar nossa alma deve ser removido e posto longe do nosso alcance – por menor que seja a quantidade – por causa do poder influenciador que tem sobre nós, no que se refere aos desejos de nossa natureza carnal e corrompida.

2. A **feita das semanas** – também chamada de **feita de Pentecostes** – durava sete semanas e nesse período os hebreus celebravam os cinquenta dias entre a saída do Egito (em que celebraram a páscoa) e a divulgação da Lei de Deus no Monte Sinai. Na época o povo ficou unido, sem divisões, tendo tudo em comum. Séculos depois, semelhantemente os discípulos de Jesus aguardaram unidos, sem divisões, tendo tudo em comum, a vinda do Espírito Santo que ocorreu cinquenta dias após a morte de Jesus – a nossa páscoa. Deus quer que estejamos unidos, entrelaçados uns com os outros. Para festejarmos com Deus, não podemos nos apresentar a Ele com problemas relacionais de quaisquer espécies, ou com atitudes mesquinhas, egoístas. O bem-estar coletivo deve ser primordial. Não existe plenitude de vida no individualismo. Na oração que o Senhor Jesus ensinou aos discípulos (cf. Mateus 6.9-13), não há espaço para a singularidade. Nela o pai é nosso, o pão é nosso...

3. A **feita das cabanas** – também chamada de **feita dos tabernáculos** – durava sete dias e nesse período os israelitas deveriam habitar em tendas para lembrar os quarenta anos em que peregrinaram no deserto e moraram em tendas ou cabanas. Essa feita nos remete ao fato de que somos *“estrangeiros e peregrinos no mundo, e que precisamos nos abster dos desejos carnis que guerreiam contra a alma”* (cf. 1Pedro 2.11). Hoje em dia o foco de muitas pessoas que se dizem cristãs está no aqui e no agora, ainda que o apóstolo Paulo tenha ensinado que *“se a nossa esperança em Cristo é apenas para esta vida, somos os mais dignos de compaixão entre todos os homens”* (1Coríntios 15.19).


A passagem bíblica termina dizendo: *“... Nenhum deles deverá apresentar-se ao Senhor de mãos vazias: cada um de vocês trará uma dádiva conforme as bênçãos recebidas do Senhor, do seu Deus”* (v. 16-17). Nas festas judaicas, nenhum participante poderia se chegar a Deus de mãos vazias. Mas o que os hebreus teriam para oferecer a Deus que Ele já não tivesse? Mais que isso, como poderiam dar algo a Deus se tudo o que tinham provinha dEle? O próprio texto bíblico fornece a

resposta: cada hebreu deveria trazer a Deus um presente, recebido do próprio Deus a quem serviam. O que seria mais importante e precioso do que as próprias vidas? Da mesma forma, Deus não aceita a que nos acheguemos a Ele de mãos vazias. A nossa vida, que está em nossas mãos, deve ser passada para as mãos de Deus, de tal modo que Aquele a quem chamamos de Senhor tenha total controle sobre ela. Como afirmou certa vez o apologista cristão britânico Clive Staples Lewis (1898-1963), “*Deus não quer algo de nós. Ele simplesmente nos quer*”.

Não basta conter algo em nossas mãos para que possamos ofertar a Deus. Nelas precisa estar o nosso coração. Se observarmos bem o conteúdo da Parábola dos Talentos (cf. Mateus 25.14-30), veremos que nenhum dos três servos se apresentou ao seu senhor de mãos vazias. Todos possuíam algo entregue a eles pelo próprio senhor. No entanto, ter algo em mãos não significa, necessariamente, garantia de aprovação. Na história que o Senhor Jesus contou, um dos servos foi rejeitado porque, a despeito de trazer consigo o talento que pertencia ao seu senhor, ele não desenvolveu aquele talento como se esperava. O servo mau e preguiçoso simplesmente devolveu o que recebera, sem envolver o coração na tarefa recebida. Não ocorreu crescimento. Não houve maturação do talento recebido. Esse ensino de Jesus serve para entendermos que, **o que somos é presente de Deus para nós. No que nos tornamos é presente nosso para Deus. O que temos feito de nós mesmos? Deus não está mais preocupado com aquilo que você faz por Ele, do que com aquilo que você se torna em razão dEle.** Além disso, não podemos usar as circunstâncias do dia a dia como desculpa para a nossa apatia e falta de produção no Reino de Deus. A mesma água fervente que amolece a batata também torna o ovo duro. Não são as circunstâncias que mudam as pessoas, mas sim o que tem dentro delas.

Nunca seja como uma fotografia que mostra apenas sua beleza, mas seja como uma moeda, que de um lado mostra o seu rosto e outro o seu valor. Por falar em fotografia, em nossas redes sociais temos o hábito de ‘curtir’ fotografias que achamos bonitas. Mas melhor que ‘curtir’ uma fotografia bonita, é estar nela, é fazer parte da imagem. Não raramente, temos deixado Deus de fora das ‘fotografias’ da nossa vida. Precisamos voltar a fazer o ‘enquadramento’ de Deus na nossa história. Mas para isso, se faz necessário que Deus esteja pertinho de nós, o que só é possível através de um relacionamento pessoal, íntimo e verdadeiro com Ele.

Para finalizarmos, sabemos que para participarmos de qualquer festa necessitamos de um convite – ainda que verbal. Somente os hebreus estavam convidados para participar das festas idealizadas por Deus. Isso porque todos eles eram descendentes da aliança que Deus firmara há muito tempo com Abraão. Do mesmo modo, para participarmos das festas de Deus, precisamos de um convite, que só nos será entregue se fizermos parte da aliança que Deus firmou com a humanidade através do sacrifício do Senhor Jesus Cristo na Cruz do Calvário. E quem tem a posse desse convite, nunca chegará à festa de mãos vazias. Mas trará consigo a sua vida, o seu o coração. *Soli Deo Gloria.*

 Reflexão baseada no sermão homônimo ministrado em 21/08/2016, no congresso promovido pelo ministério de jovens e adolescentes da Igreja Batista em Jardim Santa Terezinha.